

Anáfora Associativa – uma abordagem léxico-discursiva

Maria Cândida Cantiga Esteves dos Reis Martins

Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto (ESTSP)

1. Introdução

Começando pelo título dado a esta comunicação, *Anáfora Associativa – uma abordagem léxico-discursiva*, o mesmo reflecte as conclusões a que cheguei após a análise do funcionamento do fenómeno num *Corpus* em que foram seleccionados para a posição de “antecedentes” nomes diferentes daqueles que são tipicamente apresentados e que foram objecto de estudo na minha dissertação de Mestrado em *Linguística Portuguesa Descritiva*.

Do contacto que tive com alguma literatura que apresenta como exemplos de *Anáfora Associativa* pares do género *árvore/tronco* e *igreja/aldeia* em que a dependência referencial é facilmente constatável, desde que marcada linguisticamente pela definitude do segundo termo, orientei o meu trabalho traçando alguns objectivos.

2. Objectivos principais

(I) – Analisar o funcionamento da Anáfora Associativa em textos envolvendo nominais abstractos e nomes com modificadores adjectivais e/ou preposicionais na posição de “antecedente”.

- (II) – a) – Verificar que tipo de termos anafóricos associativos podem ser desencadeados por esses “antecedentes”.
b) – Verificar se o tipo de relação estabelecida é uma relação *a priori* ou *a posteriori*, conforme os defensores das duas teses já propostas, a *léxico-estereotípica* e a *discursivo-cognitiva*.

3. Teses fundamentais já propostas

– Tese *léxico-estereotípica* (Kleiber, 2001) – tipo de relação *a priori* que assenta os seus princípios na semântica dos constituintes sendo, por isso, preestabelecida no léxico e partilhada por uma mesma comunidade linguística. Uma relação deste tipo deve ter um carácter genérico e não contingente.

- (1) “Mandei cortar *uma árvore* do jardim. *O tronco* estava apodrecido”.
 (2) “Fomos visitar *uma aldeia*. *A igreja* estava fechada”.

b) Tese *discursivo-cognitiva* (Charolles, 1991) – tipo de relação *a posteriori*, isto é, construída pelo discurso que, por si só, é onipotente para estabelecer a relação anafórica associativa. As relações podem ter um carácter puramente ocasional e serem válidas apenas para o contexto evocado.

- (3) “Havia *uma mala* em cima da cama. *O couro* estava molhado.
 (4) “Comprei *uma televisão*. *A cor* é péssima.

No cerne da dissensão está a concepção de um modelo diferente de *Referência*, centrada, respectivamente, no *mundo* ou no *discurso*.

Como pontos comuns, o recurso a um processo inferencial e a definitude do termo anafórico.

4. Desenvolvimento

Partindo dos exemplos (1) e (2) citados atrás, (*uma árvore/o tronco e uma igreja/a aldeia*), em que a interpretação é unívoca, a introdução de nominais como *experiência* ou *adaptação* ou de nomes com modificadores como *morcegos inspiradores* ou *abelhas detectoras* ou ainda *estudiosos de abelhas e casca de bananas*, na posição de “antecedente”, que tipo de termos anafóricos associativos poderão desencadear?

Estar-lhes-ão reservados pares lexicais predefinidos como estão *a igreja* para *uma aldeia* e o *tronco* para *uma árvore*?

O facto de o “antecedente” ser um nominal denotando um evento ou uma propriedade com o traço [+abs] impedirá o estabelecimento da Anáfora Associativa?

Quais as consequências de um nome ter um modificador adjectival ou preposicional?

Assim, para encontrar respostas a estas questões, selecionei nominais de entidades com o traço [+abs], (a maior parte nominalizações deverbais), e nomes com modificadores adjectivais e/ou preposicionais na posição de “antecedente” de um conjunto de textos retirados de uma Revista.

Com efeito, a existência de termos definidos em lugares associativos que são introduzidos via um “antecedente” com o traço [+abs] leva-me a concluir que se possa estabelecer anáfora associativa ou associação anafórica¹, entre nomes ou nominais que, pelo menos à superfície, não denotam entidades concretas e discretas com autonomia referencial como, por exemplo, *mesa, livro, flor*, etc. Este tipo de

¹ Veja-se Bouyer & Coulon, (1991:322), a propósito da inversão dos termos sugerida por Jean-Emmanuel Tyvaert.

entidades, para além de outras, tem a característica de poder ter limites perfeitamente definidos e observáveis directamente pelo nosso sistema visual. Ao contrário, só se pode chegar a um conceito, por exemplo, ao conceito de *honestidade*, através de observação de conjuntos de entidades honestas uma vez que os predicados não podem ser apreendidos por ostensão.

Tentei verificar que tipo de lexemas se podem encontrar em lugares associativos quando os “antecedentes” são, na designação de Kleiber (1999a), nomes sinca-tegoremáticos, isto é, nomes de entidades sem autonomia referencial e que, em princípio, se encontram dependentes ontologicamente de outros.

Convém recordar que, para o estabelecimento de uma Anáfora Associativa, é preciso que sejam satisfeitas algumas condições, entre elas, a definitude de um termo que não tenha sido previamente introduzido no texto ou discurso e que conduza à procura de um “antecedente” ou um termo “origem” que o complete.

Ora, na *Anáfora Associativa*, a procura desse “antecedente”, no interior de um texto, torna-se mais complexa pois essa localização mobiliza não só a competência linguística mas também a competência enciclopédica, correspondente à memória a longo prazo, e ainda uma memória a curto prazo que vai sendo fornecida pelo dinamismo do discurso. Essa localização mobiliza também aspectos morfológicos, sintácticos, semânticos, pragmáticos, lexicais e cognitivos.

Estes factores conjuntos revelam-se muito importantes para a interpretação dos fenómenos anafóricos em geral mas, particularmente, os que envolvem termos associativos porque, dada a não correferência entre os termos e a necessidade do recurso a inferências, torna-se fundamental localizar a expressão “antecedente”.

É no universo discursivo que vão sendo introduzidas novas entidades, como se fossem conhecidas, sendo este o mecanismo-motor da Anáfora Associativa, fenómeno original e rico, em termos de coerência e progressão textual, na medida em que assegura a continuidade articulando-a com a novidade tendo em vista a totalidade de significação.

A título exemplificativo, posso enumerar alguns nominais que foram objecto do meu trabalho e que não vou aqui desenvolver: *trabalho*, *detecção*, *invenção*, *invento*, *revolução*, *convivência*, *adaptação*, *associações* e *utilização*.

Quanto a nomes com modificadores adjectivais e preposicionais, foram observados, entre outros: *Larvas bombeiras*, *Seres humanos*, *Moscas normais*, *Revolução científica*, *Problemas cardíacos*, *Associações ecológicas*, *Trabalho de detecção dos fogos*, *Mecanismos de detecção dos fogos*, *Veneno de uma víbora da Malásia*, *Ataque de coração*, *Membranas de altifalantes*, *Casca das bananas*, *Papel de casca de banana* e *Textura da pasta*.

5. Objecto de análise

Dos vários textos analisados, seleccionei o seguinte:

Texto 1

JUVENTUDE: ELIXIR À VISTA?

Na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, realizou-se, há meses, uma experiência revolucionária. Os investigadores injectaram, em apenas uma pata de alguns ratos, um vírus que, indirectamente, activa a produção de uma hormona de crescimento que os corpos adultos já não produzem. O resultado foi que os ratos desenvolveram nessa perna músculos que se mantiveram jovens até à sua morte, enquanto o resto do corpo envelheceu naturalmente. O cientista responsável por este projecto parece optimista em relação à utilização desta descoberta em seres humanos. Será que, finalmente, o Homem encontrou a tão ambicionada fonte da juventude? (Tempo livre, Set., 1999).

Poder-se-ão observar, pelos sublinhados e pelo quadro 1, as relações que considere associativas bem como os “antecedentes” e os “termos anafóricos”.

<i>Anáforas Associativas</i>	
<i>Antecedentes</i>	<i>Termos anafóricos</i>
<i>Na Universidade da Pensilvânia</i>	<i>Os investigadores</i>
<i>Uma experiência revolucionária</i>	<i>Os investigadores</i>
<i>Uma experiência revolucionária</i>	<i>O resultado</i>
<i>Este projecto</i>	<i>O cientista</i>
<i>O resultado</i>	<i>Esta descoberta</i>

Quadro 1

Deixando o título para o fim, logo no primeiro período do texto, são introduzidas duas expressões, a Universidade da Pensilvânia e uma experiência revolucionária, denotando entidades de tipo ontológico diferente e elementos fundamentais no discurso porque vão desencadear anáforas associativas, de tipo diferente, com o nominal os investigadores do qual vão ser “antecedentes”, conforme quadro 1.

Com efeito, não são do mesmo tipo as relações semânticas entre os pares constituídos pelas expressões, na Universidade da Pensilvânia / os investigadores e uma experiência revolucionária / os investigadores.

No par *Universidade da Pensilvânia / investigadores*, existe uma autonomia da entidade *universidade* relativamente à entidade *investigadores*. Contudo, um laço semântico permite o estabelecimento de anáfora associativa – o de “localização estereotípica funcional”, ou seja, uma universidade é considerado o lugar prototípico para os investigadores exercerem a sua função, um lugar que, *a priori*, está destinado a acolher essas entidades. É, assim, um tipo de Anáfora Associativa Locativa.

Quanto aos nominais *experiência revolucionária / investigadores*, a anáfora associativa é de tipo actancial porque existe uma relação entre o nome eventivo, *experiência*, e um dos seus argumentos ou actantes, ou seja, uma entidade directamente envolvida e implicada por esse evento. Sendo uma entidade sem autonomia referencial, a ocorrência do nominal *experiência* depende da ocorrência do nominal *investigadores* pois, do ponto de vista ontológico, é o evento que se revela subordinado aos referentes dos termos anafóricos. Pode haver investigadores e não haver experiência mas não pode haver experiência sem uma entidade qualquer que a tenha realizado.

Com a introdução do nominal, *experiência*, dadas as suas características eventivas e o próprio significado do predicado verbal que lhe serve de base (exige um argumento externo “agente”) e ser, por isso, considerado um deverbal² o interlocutor é conduzido a seleccionar para sujeito uma entidade com o traço [+hum] que corresponde, exactamente, à ocorrência da expressão definida, *os investigadores*, expressão essa que acumula a função sintáctica de sujeito e a função temática de agente.

Prosseguindo a análise, outra das propriedades dos nominais com leitura eventiva, para além do evento que lhes é inerente, é o seu término que pode dar origem a um estado consequente.

Ora, esse vínculo entre o evento e a sua culminação permite o estabelecimento de uma anáfora associativa, *a priori*, de tipo parte/todo tendo como “antecedente” o nominal eventivo, *uma experiência revolucionária*, e, como termo anafórico, um “novo” nominal introduzido sob o modo do conhecido, *o resultado*.

Na verdade, o SN, *o resultado*, introduzido pelo artigo definido, leva a supor que se trata de algo conhecido mas, como é feita a sua menção pela primeira vez, é uma expressão incompleta ou insaturada que necessita de outro SN para justificar a sua definitude e esse SN já se encontra introduzido no universo textual, *uma experiência revolucionária*. À pergunta “Que resultado?”, obteremos a seguinte resposta

² Tradicionalmente considerado um nome abstracto e simples, há razões etimológicas para considerar que *experiência* é uma nominalização deadjectival que tem por base o adjectivo em *-nte*, *experiente*, que, por sua vez, é derivado do Particípio Presente *experiens*, *experientis*, aquele que experimenta, do verbo latino, *experiri*, que significa experimentar.

Experientia, tal como as palavras *praesentia* e *audacia*, é formado pelo sufixo latino *-ia* de influência grega que forma abstractos derivados, respectivamente, de participios e adjectivos. (Ernout, 1974:19, 57, 172).

“O resultado da experiência”, o que confirma que o eventivo, *experiência*, tenha inerente um término, um resultado, que, curiosamente, se encontra realizado pelo próprio lexema, *resultado*.

É, assim, um tipo de anáfora associativa que eu considero ser parte/todo e *a priori* porque o mecanismo inferencial que permite o seu estabelecimento tem como base o estereótipo de uma experiência e os nominais envolvidos na relação associativa encontram-se previamente inscritos no léxico. *O resultado* é uma parte de *uma experiência* porque corresponde à frase de carácter genérico “*N1 tem geralmente N2*”.

A nível da linearidade, o discurso progride com a introdução de novas entidades, *o cientista*, *este projecto*, *esta descoberta*, sob a forma do “conhecido”, remetendo para elementos cotextuais como se constata, principalmente, pelos determinantes demonstrativos.

O discurso vai apontando numa direcção que irá ao encontro do seu título, em virtude de uma mudança dos tempos verbais, do passado para o presente e, na sequência final, do presente para o futuro, justificando a interrogação do título com outra interrogação: *Será que, finalmente, o Homem encontrou a tão ambicionada fonte da juventude?*

De facto, *o cientista*, é um nominal que denota uma nova entidade que é introduzida pelo modo do definido pela relação associativa actancial estabelecida com o SN, *este projecto*. A função do determinante demonstrativo, *este*, para além de definitizar o N, remete explicitamente para o contexto linguístico e para o termo anafórico, *o cientista*, que é seu actante.

A anáfora associativa estabelecida entre os dois termos é também de tipo actancial porque o nome, *projecto*, neste contexto, depende referencialmente de uma entidade. O nome que reúne as condições para ser seu argumento é o nominal, *o cientista*, cujo determinante denota existência e unicidade. Neste texto, *projecto* traduz uma acção individual que o próprio discurso, por meio do adjetivo, *responsável*, associa de forma explícita a *o cientista*.

Pelo conhecimento que temos do mundo, para haver um projecto é necessário que alguém projecte e *projectar* é anterior a *experimental*.

A ocorrência do termo *projecto*, neste texto, parece crucial. Com efeito, não só se relaciona com a primeira parte do texto em que estabelece anáfora associativa com *experiência* e *resultado* como também com a expressão *à utilização desta descoberta em seres humanos*. Deste modo, faz-nos pensar que o demonstrativo *este* associado a *projecto* não só funciona anafórica como cataforicamente.

Relativamente ao sintagma preposicional *desta descoberta*, o mesmo inclui o deverbal, *descoberta*, que, pela sua formação, participio passado, natureza aspectual e pelo contexto linguístico em que ocorre, tem uma leitura resultativa, estabelecendo anáfora associativa com o “antecedente”, *o resultado*.

Na verdade, o resultado da experiência teve como consequência uma descoberta, o que faz com que a relação estabelecida entre *esta descoberta* e *o resultado* seja uma relação de causa/consequência.

Trata-se de um tipo de relação associativa, *a posteriori*, construída pelo discurso porque nem todos os resultados são descobertas.

É esta relação de causa/consequência que vai desencadear a sequência seguinte que, em forma de interrogação, tal como o título, retoma, através de meios linguísticos diferentes, o significado dos elementos constituintes do mesmo, justificando a sua interrogação.

Conforme quadro 2, o título funciona como uma primeira instrução ao interlocutor acerca do assunto a tratar. Sob a forma de interrogação, é introduzida no universo textual a entidade denotada pelo N, *elixir*³, cujo significado remete, de imediato, para o outro N que lhe está associado, *juventude*, e que no título, embora de uma forma não canónica, lhe serve de complemento, ou seja, *o elixir da juventude*.

Na verdade, a expressão definida, *a tão ambicionada fonte da juventude*, estabelece uma relação anafórica correferencial com a expressão antecedente, *Juventude: Elixir à vista?* com a retoma do mesmo lexema, *juventude*, e, por inferência desencadeada pelo conhecimento de uma crença acerca do “elixir da juventude”, entre *a tão ambicionada fonte e elixir*, conforme quadro 2.

<i>Anáfora Correferencial</i>	
Antecedente	Expressão Anafórica
<i>Juventude: Elixir à vista?</i>	<i>A tão ambicionada fonte da juventude</i>

Quadro 2

6. Algumas conclusões

Parece-me possível, pela observação e reflexão alcançadas, chegar a algumas conclusões e abrir perspectivas para trabalhos ulteriores.

(I) – O tipo de N é um factor determinante dado que os nominais abstractos, nem sempre podem estabelecer relações *a priori*. Se por um lado são entidades dependentes ontologicamente de outras, por outro dependem também do contexto em que ocorrem, sendo este capaz de orientar a interpretação de produtos não

³ Veja-se, a este propósito, a entrada no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, (2001:1349), 1 Vol., “(...) substância procurada pelos alquimistas, e que, segundo a crença, tinha propriedades de rejuvenescimento e de longevidade.”

saturados activando os sentidos discursivamente adequados, cf. Rio-Torto, (1997:824).

(II) – No domínio da derivação, a maior parte das palavras só por si não denota um referente único mas cria um potencial de referências que outros elementos ou o próprio discurso constrói e satura.

Como afirmou também Rio-Torto (1997:816), relativamente a produtos nominais, “a interacção entre o produto nominal e o contexto complexifica-se, pois a interpretação daquele é duplamente condicionada pela sua estrutura interna e pela estrutura (micro- e macro-) textual circundante”.

Assim, importa ponderar o peso que as formas de base têm na representação nominal de propriedades, de estados e de eventos.

(III) – As nominalizações deverbais podem ter uma leitura estativa/resultativa ou eventiva, às quais se pode acrescentar a leitura individual, cf Brito e Oliveira, (1995), leituras essas que, para além da dependência do contexto linguístico e mesmo de informações extralinguísticas, dependem fundamentalmente do tipo de formação do nominal.

Os nominais com leitura eventiva comportam-se como predicadores, estabelecendo anáfora associativa com argumentos, conforme texto 1, enquanto os de leitura resultativa e, fundamentalmente, os de leitura individual comportam-se como entidades referenciais e discretas, estabelecendo relação com nomes [-abs], conforme texto 2, em anexo (*invento* e *objecto*).

Assim, o que é estabelecido *a priori* – e isso envolve aspectos morfossintácticos e léxico-semânticos – é que neste tipo de nominais há grelhas argumentais por preencher e os termos anafóricos desencadeados dependem de factores como:

- (a) Tipo de forma de base (V, N ou Adj) do “antecedente”;
- (b) Tipo de V (eventivo, psicológico ou outros);
- (c) Tipo de afixo e produto final;
- (d) Leitura eventiva do nominal;
- (e) Leitura resultativa do nominal;
- (f) Leitura individual do nominal;
- (g) Outras questões morfológicas e/ou sintácticas.

Em casos de polissemia, o tipo de formação da palavra e o produto encontrado não é suficiente para estabelecer a relação com os seus argumentos na medida em que, por exemplo, a grelha de um verbo eventivo não é a mesma de um verbo psicológico. Ex.: *experiência* em *Eu passei por uma dura experiência*.

Só os vários elementos do discurso podem atribuir ao nominal uma interpretação unívoca.

Na verdade, segundo (Kleiber, 1999b:87), existem três tipos de variações de sentido reconhecidos tradicionalmente por lexicólogos e lexicógrafos: homonímia, polissemia e a simples variação contextual.

(IV) – Os nomes com modificadores, quer adjectivais quer preposicionais, ao mesmo tempo que restringem o N também lhe acrescentam informação, o que acarreta consequências a nível de termo anafórico na medida em que passa a haver uma dependência do N à natureza ontológica do modificador.

Com efeito, os modificadores, ao complementarem o nome, atribuem um novo sentido às entidades denotadas.

Esta questão é importante porque os nomes com modificadores constituem extensões desses nomes e são, muitas vezes, os modificadores e não os nomes que desencadeiam a anáfora, conforme texto 3, em anexo (*detectoras e de abelhas*).

A nível semântico, os modificadores são elementos que podem exercer determinadas funções como:

- (a) Localização do N – ratos *ingleses*, víbora *da Malásia*;
- (b) Atribuição de uma profissão ou ocupação – larvas *bombeiras*, abelhas *detectoras de minas*, estudiosos *de abelhas*;
- (c) Atribuição de uma propriedade – morcegos *inspiradores*;
- (d) Marca de espécie – moscas *anti-stress*, seres *humanos*, moscas *normais*;
- (e) Acréscimo de informação – experiência *revolucionária*, associações *ecológicas*, revolução *científica*.

7. Proposta

Foi possível constatar que em textos, unidades maiores que a frase, não é possível enquadrar o fenómeno das relações anafóricas associativas utilizando apenas uma das duas teses já propostas pelo que sugiro uma terceira via que designei de *léxico-discursiva*.

De facto, a tese *léxico-estereotípica* considera que as relações estabelecidas entre o termo “antecedente” e o termo anafórico devem estar previamente inscritas ou definidas no léxico ou tenham, pelo menos, um carácter genérico. Embora essa perspectiva forneça respostas válidas quando a análise se reduz à frase, ela mostra-se insuficiente quando se passa para unidades maiores, como o texto, e, sobretudo, com determinados tipos de nomes.

Verifiquei que o comportamento linguístico de nominais com o traço [+abs], na medida em que os seus significados não são estáveis, manifesta uma dependência referencial da sua formação básica e afixal e também do texto. Assim, as relações preinscritas no léxico, relações *a priori*, são insuficientes na medida em que o discurso vai construindo não só relações *a posteriori*, válidas em situações particulares, como vai fixando e preenchendo as grelhas argumentais como, por exemplo, nas Anáforas Actanciais. Só o discurso, ao actualizar os argumentos, atribui uma interpretação unívoca.

Relativamente à tese *discursivo-cognitiva*, considero que as relações, *a posteriori*, sem terem em conta determinadas restrições impostas pelo léxico, dificultam uma definição interna da génese do fenómeno, impedindo o estabelecimento de

balizas na interpretação da Anáfora Associativa. Há, de facto, uma estreita relação entre o léxico e o discurso, uma vez que o léxico se projecta no discurso e o discurso se apoia (também) no léxico para construir relações novas podendo mesmo conduzir à criação de novos estereótipos.

Citando Kleiber (2001:5), “*Si le lexique peut aider à mieux comprendre l’anaphore associative, l’anaphore associative peut en retour aider à mieux décrire le lexique*”.

Quanto à ocorrência de nomes com modificadores, estes, ao complementarem o nome, atribuem um novo sentido às entidades denotadas criando, no discurso, relações novas que o próprio discurso, nas sequências seguintes, apresenta como já adquiridas, generalizando situações que foram introduzidas como particulares.

Considero, por isso, que muitas dessas relações são criadas *a posteriori*. (Martins, 2001).

Perante o exposto, optei pelo cruzamento das duas teses, encarando-as não opostas mas complementares, articulando o léxico ao discurso, considerando válida uma abordagem *léxico-discursiva*.

Cruzamento das teses
Léxico-estereotípica discursivo-cognitiva



Abordagem léxico-discursiva, articulando o léxico ao discurso (Martins, 2001).

8. Referências

- BRITO, A. M. & F. OLIVEIRA, 1995, “Nominalization, Aspect and Argument Structure”, in *Interfaces in Linguistic Theory*, Associação Portuguesa de Linguística, Colibri, pp. 57-80.
- BRITO, A. M., 1996a, “A ordem de palavras no SN em português numa perspectiva de Sintaxe comparada – Um caso particular: os Ns deverbais eventivos”, in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. I, Lisboa, Edições Colibri, A. P. L., pp. 81-106.
- CHAROLLES, M., 1991, “Anaphore associative, stéréotype et discours” in *L’Anaphore Associative*, Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, pp. 67-92.
- CHAROLLES, M., 1999, “Associative anaphora and its interpretation”, in *Journal of Pragmatics*, vol 31, nº 3, March 1999, Amsterdam, Elsevier, pp. 311-326.
- FARIA, I. H., E. PEDRO, I. DUARTE & C. GOUVEIA, (orgs.), 1996, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho SA.
- FONSECA, J., 1988, “Coerência do Texto” in *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*, II série, Vol. V – Tomo 1, 1988, pp.7-18.
- FONSECA, J., 1992, *Linguística e Texto/Discurso, Teoria*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- KLEIBER, G., (ed.), s/d, *Rencontre(s) avec la Généricité*, Recherches Linguistiques, Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- KLEIBER, G., C. SCHNEDECKER & L. UJMA, 1991a, "L'anaphore associative, d'une conception l'autre" in *L'Anaphore Associative*, Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, pp. 5-64.
- KLEIBER, G., R. PATRY & N. MÉNARD., 1991b, "Anaphore Associative: Dans quel sens "roule"-t-elle?" in *L'Anaphore Associative*, Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, pp. 129-150.
- KLEIBER, G., 1999a, "Anaphore Associative et relation partie-tout: Condition d'Aliénation et Principe de Congruence Ontologique" in Anne Daladier *Le groupe nominal: contraintes distributionnelles et hypothèses de descriptions Langue Française*, n° 122, Maio 1999, pp. 70-100.
- KLEIBER, G., 2001, *L'anaphore associative*, Paris, Presses Universitaires de France.
- MARTINS, M. C., 2001, *Anáfora Associativa – Algumas Questões*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUP, Porto.
- OLIVEIRA, F., 1987, "Cadeias anafóricas. Que referência?" in *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. IV, 1987, pp. 125-135.
- OLIVEIRA, F., 1988, *Relações anafóricas: algumas questões*, Estudo para discussão como prova complementar de doutoramento em Linguística Portuguesa, Porto.
- OLIVEIRA, F., 1995, "Aspecto, referência nominal e papéis temáticos" in *Línguas e Literaturas in honorem Prof. Óscar Lopes*, *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Vol. XII, 1995, pp. 55-73.
- OLIVEIRA, F., 1996, "Semântica" in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Cap. VII, Lisboa, Editorial Caminho, SA., pp. 333-379.
- PEREIRA, S. G. C., 1999, "Predicados Adjectivais: Propriedades Semânticas e Aspectuais" in *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. II, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 309-320.
- RIO-TORTO, G. M., 1996, "Processos e Paradigmas de Formação de Palavras em Português" in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol III, Lisboa, Edições Colibri, A.P.L., pp 275-291.
- RIO-TORTO, G. M., 1997, "Construção e Interpretação: O exemplo dos Nomes Heterocategoriais" in *Sentido que a Vida faz, Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras, pp. 815-834.
- RIO-TORTO, G. M., 1998, *Morfologia Derivacional Teoria e aplicação ao Português*, Porto, Porto Editora, Lda.
- SCHNEDECKER, C., M. CHAROLLES, G. KLEIBER & J. DAVID, 1991, *L'Anaphore Associative*, Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- VILELA, M., 1997, "Semântica do "Lugar Comum", in *Sentido que a vida faz, Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras – Editores, S. A., pp. 869-883.
- VILLALVA, A. & C. N. CORREIA, 2000, "Morfologia e Semântica dos Nomes --Sujeito" in *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol II, Braga, Gráfica de Coimbra, Lda.

9. Anexos

Texto 2

MORCEGOS INSPIRADORES

Uma nova invenção poderá, dentro de pouco tempo, melhorar a qualidade de vida dos cegos. Trata-se do Spatial Imager, um invento que aproveita as características dos morcegos para ajudar os humanos: tal como fazem estes mamíferos voadores, o objecto emite ultra sons (pequenas vibrações) para os dedos, avisando o seu detentor da presença de obstáculos no caminho.(...). (Tempo livre, Março, 2000:51).

Texto 3

ABELHAS DETECTORAS

(...) Estudiosos de abelhas têm chegado à conclusão que, durante os milhares de voos que fazem por dia, elas captam diversos tipos de informações que poderão ser importantes para a vida humana. Os cientistas já conseguem perceber que tipo de gases as abelhas inalaram durante o dia, se encontraram água e, especialmente, que partículas trazem agarradas aos corpos.(...).(Tempo livre, Set., 1999:49).